

00

3000

R
E
V
I
S
T
A

— DA —
A C A D E M I A
M A T O G R O S S E N S E

— DE —
L E T R A S

ANOS XXIX - TOMOS LV

1962

Escolas Profissionais Salesianas
Cuiabá — Mato Grosso

1962 - 55

34

Cadeira nº 30

Patrono:

Manoel Espiridião da Costa Marques

Discurso de posse:

Acadêmico Francisco Leal de Queiróz.

(Elogio de Otávio Cunha)

Discurso de posse:

Acadêmico Francisco Leal de Queiróz

Conheceis - por certo - um Tribunal chinês, como no-lo narra F. Mendes Pinto, em sua policrômica "Peregrinação": uma grande casa, de forma de Igreja, pintada tôda de alto a baixo de diversas pinturas e estranhos modos de Justiças, que, algozes simbolizando gestos medonhos e espantosos, applicavam em todo o gênero de gente; os letreiros, ao pé de cada um daqueles paineis, descrevendo: para êste tal caso, êste gênero de morte. De maneira que, na diversidade daquelas estarrecedoras pinturas, em que se punham os olhos, se declarava o gênero de morte que se devia a cada gênero de culpa, no rigor da Justiça, ordenada nas leis do tempo.

Sou eu, agora, quem se apresenta, neste instante, diante do tribunal da vossa generosidade, neste cenáculo beletrista, quando me acolheis, carinhosamente, no seio fraterno daqueles que honrando as letras e as artes bororas, na perene exaltação fremente da terra natal, compõem e dignificam êste augusto sodalício. Rogo-vos clemência. Fosse o julgamento sob os humbrais daquele tribunal chinês, já, por certo, me estaria destinado um gênero de condenação, ao ser-me sentenciada a imortalidade acadêmica, pretendida sob o patrocínio da fidalguia e da tolerância dêste silogeu, tão cioso das suas glórias e tradições. Mas, reportei-me à vossa generosidade. Eis porque, à semelhança da violeta humilde e recatada, que se ergue junto à própria terra agreste, para não ambicionar, jamais, os canteiros dos jardins luxuosos, nem a vertigem das alturas dos soberbos cerros, para contentar-se com a sombra amiga da sebe desprotegida e a voz fatigada de um regato melancólico, desejo, tão sòmente, experimentar o frêmito inebriante e o júbilo sublime que animam a aima magnânima dos meus insíignes confrades e comungar do vosso pão espiritual, na magia fascinante e arrebatadora, com que as lendárias multidões dos deuses aflagavam a volúpia crepitante dos geniais herois de antanho.

Jamais, eu suporia que minh'alma refletindo, imprecisa e descompassadamente, os anseios dos meus tímidos sonhos juvenis, fosse, um dia, despertada para consagrar-se entre vós, onde trinta e nove estrelas de primeira grandeza, no mundo da intelectualidade matogrossense, aqui, cintilam gloriosamente, irradiando neste augustíssimo recinto inexauríveis raios de Ciência e de Saber.

Foi a poesia, sobretudo, que me trouxe nas suas asas rutilantes, arrebatando-me para o esplendor deste acontecimento com que me estais mimoseando, neste instante, porque

Há sempre um sonho para ser rimado,
Há sempre um verso para ser cantado...

E,

Na dourada quadra da existência,
em que nossa alma de sonhos repleta,
desperta,
voa no ardor da adolescência,
não há quem não deseje ser poeta.

A nossa Musa, então adormecida,
acorda,
vem solar à nossa cabeceira,
embalando em rima enternecida
os versos que a nossa lira cristaliza.

Ah!...

Que mais que ser poeta então queremos,
se com versos a ventura almejamos
e até o mundo se pode conquistar...

D'Annunzio - o excelso -, nas páginas de um dos seus mais festejados escritos, disse: -"O verso é tudo. Na imitação da natureza nenhum instrumento de arte é mais vivo, agil, agudo, vario, multiforme, plástico, obediente, sensível, fiel. Mais compacto do que o mármore, mais maleável do que a cêra, mais sutil do que um fluido, mais vibrante do que uma corda, mais luminoso do que uma gema, mais fragante do que uma flor, mais afiado do que uma espada, mais flexível do que um junquillo, mais acariciador do que um murmúrio, mais terrível do que um trovão, o verso é tudo e tudo pode. Pode exprimir as mínimas vibrações da sensação; pode defi-

nir o indefinível e dizer o inefável; pode abranger o limitado e penetrar o abismo; pode ter dimensões de eternidade; pode representar o sobrehumano, o sobrenatural e o ultra admirável; pode inebriar como um vinho, arrebatá-lo como um êxtase; pode ao mesmo tempo possuir o nosso intelecto, o nosso espírito, o nosso corpo; pode enfim atingir o absoluto”.

E ninguém mais do que Otávio Cunha foi poeta, nesta Casa. Escutai-o:

O PÃO DA ESMOLA

Desde cedo (e vai alto o claro dia)
anda o pobre a bater de porta em porta...
e é cego: - é o seu bastão que leva e guia
seu corpo - efígie de esperança morta...

Ninguém lhe mostra amor, nem o conforta;
a sua noite deve ser bem fria;
seu dolente penar minha alma corta...
Nunca o unguirá o nardo de Maria!

Penso até que sou tú, irmão mendigo,
ou igual a ti num tempo, há tempos, findo
esmolei, andei, só, não tinha amigo!...

Fui pobre, trouxe às costas a sacola,
estendia a mão côncava, pedindo...
É difícil ganhar um pão de esmola!

Seus versos são o seu retrato, cinzelado na cadência das rimas que exprimem a sua própria vida, falando bem alto de sua alma embriagada de castelos, estarrecida de amor, sôfrega do que era belo...

A glória do patrono da poltrona n° 30 - Manoel Esperidião da Costa Marques - cantada por Otávio Cunha, com invulgar fulguração, é uma preciosa gema, que, jamais será sobrepujada na sucessão dos seus futuros titulares. Um poema. Traçou-lhe com justeza o perfil, pondo em relêvo os primores de sua atuação:

.....e foste tu, alma heroica e boa, e foste tu,
Manoel Esperidião, o eleito do meu querer, o preferido pela
minha vontade.

Alguma cousa eu havia lido de ti, da tua vida. Muitos louvores, de boca em boca, eram entoados ao filho de Poconé. E eu vejo a tua infância, e, lá, o teu berço nesse torreão de pedra,ilhado meio ano, nessa cidade que Antonio João glorifica na consumação do heroísmo que enobrece um povo. . . . e eu te vejo, na infância, como as garças brancas de tua terra hospitaleira, que voam em tôdas as direções, de Norte a Sul, de Leste a Oeste percorrendo os mares doces e as campinas verdes, reluzentes do teu ninho natal, pousando nas cordilheiras. . . e penso que a ansiedade de querer e de amar o bem crescia no teu espírito que é o que eu procuro: os extremecimentos de um sentir nobre, de um desejar constante, de uma aspiração elevada, de uma coragem espartana, de um civismo puro, de um perfeito amor à Pátria revelados mais tarde nos teus escritos, proclamados na tua ação! E aos quatorze anos de idade, em 1873, foste para o Rio estudar, recebendo o grau de Engenheiro em Minas pela Escola de Ouro Preto, em 1882. Indispensável, imprescindível condição de se arrancar do eu, esse bairrismo provinciano, aldeão, é esse jorro de luz que o espírito recebe num grande centro, ao convívio com filhos de todos os Estados que constituem a nossa cara Pátria.

Em Esperidião tudo é harmonia: Um pedaço da antiga Vila Bela é uma parte do Brasil que merece tanto carinho como a Capital da República porque é uma componente do tudo. Cada homem, dos nossos, é um elemento valioso que tem a responsabilidade da defesa da Pátria. Quando Esperidião chegou formado a Cuiabá, colaborou na fundação de um Externato, do qual foi professor, partilhando assim o seu saber com os seus jovens coestaduanos. Indo residir em Cáceres, onde a política o atraiu, foi eleito deputado geral no Ministério João Alfredo e na Câmara trabalhou na confecção da Lei de Treze de Maio, da Lei Aurea, na abolição da escravatura: a realização do sonho do sublime poeta das Espumas Flutuantes. . . . a glorificação de Nabuco! E na sua vida política, onde por várias vèzes foi eleito deputado provincial, novos horizontes se descortinavam a fim de premiar o seu valor se a sua vida se prolongasse mais. . . É que Esperidião, adiantado pela ilustração, avançado pelo critério sadio, grande pelo desprendimento de si mesmo, seria levado, a tôdas as posições, como o foi a algumas pela utilidade necessária de suas idéas, de seu valor moral, de sua fibramento heróica, de que todos precisam para o bem comum, e não pela vontade própria guiada por inconfessáveis interesses de mando, de predomínio, en-

feitado de orgulho. A alma simples da gaivota poconeana vestia ou manto branco da pureza ou a ou a túnica alvinetente dos sonhadores... dos poetas: educa, observa, descreve, canta, se apieda, adivinha, clama, suplica, pede e se atira à luta em prol da paz, e se arroja a morte em prol da vida... Educa os seus conterrâneos para que a Pátria tenha grandes homens. Observa e descreve um rincão desta Pátria para que sôbre ruínas se amontoem ruínas. Observa e descreve as riquezas que mais tarde a pobreza não nos amesquinhe perante o olhar estrangeiro. Canta e suplica e clama numa prosa sussurrante como um poema de meiguice, às vêzes, e outras parece um blasfemo, praguejando contra os responsáveis pela agonia de velha cidade de Mato Grosso, que contempla em tôdas as direções um dos mais ricos vales do mundo... Apieda-se! e é magnífico apiedado! Pela sorte dos escravos, recitando maquinalmente, escapando-lhe dos lábios, disseram-me, versos do "Navio Negreiro" do poeta baiano: "Colombo fecha as portas dos teus mares!" Esse adivinho teve a suprema ventura de ver a supressão da mais odienta instituição que já tivemos, e de ver seu nome ligado à glória do 13 de Maio: a nossa igualdade humana: que alegria infinita deveria ter inundado o coração dêste homem quando ralou o dia em que as senzalas perderam o nome, as mães tiveram a certeza de que os filhos lhes não mais seriam arrancados dos seios e de bem juntinho do coração, o tronco e o azorrague perderam a cruenta utilidade e quanto goso não sentiu o seu pensamento de privilegiado se demorando, concentrado, nesse grande passo de civilização de um povo e de confraternização de raças que numa só raça se confundirão! Não há pelas suas excursões um ataque aos aborígenes em zonas por eles habitadas, a essa raça a que tanto Anchieta se dedicou e da qual tivemos heróis como Felipe Camarão!

Esperidião, a tua viagem sôbre o vale do Baixo Guaporé, desde a cidade de Mato Grosso ao forte do Príncipe da Beira, li-a, e parecia-me que eu ia contigo, ao teu lado, ouvindo-te, nesse frágil batelão, tripulado por intrépidos caboclos, aos quais a incerteza não intimida, porque o Chefe nunca se intimidava. Li-te na exploração do Alto Guaporé, na qual passaste 18 dias cada qual mais temeroso, alguns havendo em que o ceu irado despejava chuvas, ribombavam em cóleras os trovões e a treva não deixava os astros brilhar. Não pretendo seguir-te mais, e fico a contemplar-te o espírito.

Sejas Bendito! E é pelo amor que dedicaste à velha e moribunda cidade dos Capitães Generais, que te pagou tanto carinho com a morte, tão feia ingratidão, como temendo que não voltarias lá, para acariciá-la e revê-la e pugnar pelo seu levantamento, o que já tinhas feito com todo o calor de tu'alma sublime, e é por êsse amor teu que eu a não amaldiçôo. Não mais quizeram a antiga Vila Bela e o seu espelho opaco o Guaporé - que os teus cuidados se dedicassem nem mesmo aos teus, quanto mais a outras regiões, e temendo que não mais voltasses, a velha e outrora opulenta cidade te abriu o seio adotivo, como se fosse um seio mater, para guardar teu corpo eternamente.

Mas, patrono meu! Eu te busquei o espírito: a tu'alma de poeta que compreendia o riso e o pranto das velhas árvores guaporeanas, agitadas pelo vento e que te falavam, saudando-te a tua passagem e te conheciam e te amavam; a êsse espírito que bendizia a música dos charcos e se compadecia do ninho que o vento derrubava; êsse espírito que cortava com as azas célebres do pensamento, como as gaivotas da tua terra natal; êsse espírito observador, persistente, santificado pelo saber, iluminado pelo bem. . . . êsse espírito não há túmulo que o encerre, Vila Bela, rainha destronada, hoje é meu, e paira por sobre mim como um pálio de fé em que me abrigo, a hóstia santa da luz que me esclarece.

Bendito sejas, meu patrono!"

Não tentarei, por impossível, acrescentar mais nada. O meu inexcedível e querido antecessor foi total.

Otávio da Cunha Cavalcanti: filho de Feliciano da Cunha Cavalcanti e Dona Rosa Amélia Cavalcanti de Arruda Câmara. Nasceu em Goiana, Estado de Pernambuco, no dia 18 de maio de 1882. Bascharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, tendo colado grau em 1906. Em Recife, militou na imprensa, onde foi redator do "Diário de Pernambuco". Foi Promotor de Justiça na Comarca de Gurupá, no Estado do Pará. Em 1912, veio para Cuiabá. Aqui, constituiu família. Exerceu o cargo de Procurador Fiscal da Fazenda Nacional. Ingressou, posteriormente, na magistratura e foi juiz de direito nas Comarcas de Poconé, Rosário Oeste e Cuiabá. Em 1930, foi promovido para o Tribunal, onde se apresentou. Era membro da Academia Matogrossense de Letras. Jornalista. Faleceu em 15 de outubro de 1958.

Era, assim, nesta simplicidade nua, que Otávio Cunha - jurista consumado, o poeta inimitável, o jornalista desassombrado - desejava que se registrasse a história de sua vida. Ouvi-o, muitas vezes: exaltava-me para os trabalhos na Assembléia Legislativa, nunca se furtou a guiar-me nas primeiras lides do ofício, quando solicitado dava-me a mão nos emtes jornalísticos, a que me propunha.

Mas, Otávio Cunha era, sempre, o poeta. Escutêmo-lo novamente:

O CUIABÁ

Aqui - és largo e fundo, de águas claras,
mas eu já fui à tua cabeceira...
és um riacho a tocar músicas raras,
entre pedras, correndo a vida inteira.

Estás sempre com pressa e, lá, disparas
de pequena em pequena cachoeira...
queres leito maior de pedras caras,
e ainda estas a aluir serra e pedreira...

És tu, Cuiabá, um dos maiores rios,
e carregas no dorso, côr de prata,
ubás, vitórias-régias e navios...

Mas quem o faz glorioso quanto os Andes,
são veios de água, filhos bons da mata...
Sempre os pequenos a fazer os grandes!

Um célebre poeta polaco, descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu legendário país, imaginou que as aves ali nascidas, se por acaso longe se achassem ao pressentir aproximar-se a hora fatal, voavam para expirar à sombra das frondes do imenso bosque onde tinham nascido. Otávio Cunha chorou, nas cascatas magistrais dos seus versos lapidares, ao pressentir que já lhe era impossível retornar ao seu heróico Pernambuco:

A ESPERANÇA

Verdes-mares beijando a asa-branca de sonho
 Que vai na rota azul de uma enseada bendita!...
 Os desterrados suavisa... Ao cárcere medonho
 Desce... e a alma eleva Deus para a crença infinita!

A Esperança... (É a patena onde o afeto deponho)
 O ermo povoa... a dor aplaca... o céu limita...
 E a benção que alivia o martírio tristonho...
 O lampejo da fé que a pátria ressuscita!...

A água-santa que lava a côr negra das pragas...
 A esmola que abre o céu da bemaventurança...
 O naufrago a lutar pela vida entre as vagas!...

Mansuetude de Cristo - entre espinhos e lança!...
 A paciência de Job - sob o fogo das chagas!...
 (Ai de nós, meu amor, se não fosse a esperança!).

Hoje, glorificamos a sua existência, repleta de ardentes serviços prestados à causa comum. E afigura-se-me, neste momento, um sonho acalentado e uma honra memorável:

um sonho acalentado, porque ao receber as insígnias da Academia Matogrossense de Letras, realizo um desejo, a tanto anhelado, para cujas refulgências estelares ostento o próprio coração envolto em chamas de encantamento;

honra memorável, porque imerso na fragância dulçuramente acariciadora do vosso perpétuo convívio, quando teima uma lágrima indisfarçável rolar célere, dos meus olhos para a gratidão perene ampará-la. Sim, uma lágrima...

Lágrimas,
 um soluço da tristeza
 O bálsamo que alivia,
 acaricia,
 um pranto de saudade.

Vi-te
 numa face que curvava
 ao catre
 do filho moribundo;

vi-te
n'um adeus de despedida
encher dois pares de cristal...

Lágrimas
que oscularam
o rosto santo de Maria Mãe de Deus.

Lágrimas de moço,
peregrina fonte d'água
que se perde
na areia do caminho.

Lágrimas de velho,
caudal encaichoerado
descendo,
em silêncio,

os abismos do passado...